

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
COM A LINHA DE SOMBRA  
29 de março de 2023

# HEAT / 1972

(O Cio)

um filme de Paul Morrissey

**Realização, Argumento e Direcção de Fotografia:** Paul Morrissey / **Música:** John Cale / **Montagem:** Lara Idel, Jed Johnson / **Interpretação:** Joe Dallesandro (Joey), Sylvia Miles (Sally), Andrea Feldman (Jessie), Pat Ast (dona do motel), Lester Persky (Sidney), Eric Emerson (Gary), Ray Vestal (produtor)

**Produção:** Factory Films / **Produtor:** Andy Warhol / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, Eastmancolor, legendada em português, 99 minutos / **Estreia em Portugal:** Satélite, a 28 de Agosto de 1975.

**Aviso:** A cópia apresenta sinais de desgaste, tais como riscos no suporte e saltos na passagem das bobines. Pelo facto, as nossas desculpas.

## Sessão com apresentação

---

A legenda inicial e as imagens que vemos enquanto decorre o genérico, não só anunciam de um modo quase metafórico tudo o que o filme desenvolverá, como aliás, testemunham o corte de Morrissey com todo o sistema de referência da obra de Andy Warhol, da qual era suposto ser o continuador.

De um modo ambíguo - que nunca fica esclarecido se paródico se sincero - Warhol pretendeu retomar e reabilitar o *star system*, venerando-o e reproduzindo-o com a criação, ou melhor, invenção, das suas *superstars*. Haverá eventuais dúvidas se não seria aquilo uma grande brincadeira de Warhol sobre as estrelas de cinema por ele tomadas como puros ícones de uma mitologia popular, todavia algumas das *superstars* nunca hesitaram quanto à importância do estatuto que assumiam - ou lhes era assumido por Warhol... -, comportando-se constantemente em público (e quem sabe se também em privado...) enquanto verdadeiras vedetas. E vendo bem, decorridos tantos anos sobre as actuações de Ondine, Brigid Polk, Edie Sedgwick, Marie Menken, Ingrid Superstar, Viva, Ultra Violet, International Velvet, Paul America, Candy Darling, etc... a realidade é que o facto de terem interpretado, acidental ou intencionalmente, os papéis de *superstar*, fez com que se tornassem verdadeiras estrelas do *underground* e passíveis de serem admiradas como participantes de um dos momentos se não fundamentais, ao menos interessantes da história do cinema. É que uma das evidentes conclusões que se podem tirar, é que os seus filmes têm um irrecusável valor cinematográfico que ultrapassa largamente a simples ideia de serem representativos de uma cópia, dado que põe em jogo intenções narrativas, processos de produção e uma estética que sempre se desviaram de um inócuo experimentalismo e tocaram na essência do cinema.

Ora iniciar **Heat** com uma legenda referindo a destruição de mais um grande estúdio de Hollywood e reiterar essa notícia com imagens de Dallesandro percorrendo os escombros da demolição - ele que interpreta um personagem que pretende recuperar uma carreira cinematográfica após um efémero êxito nos seus tempos de criança -, não pode ser tomado

de outra forma senão como a afirmação da morte definitiva do antigo sistema dos estúdios, logo, como o fim de todas as possibilidades de querer prolongar a ideia de *star*. Tudo o que mais se verá em **Heat** depende assim desta tomada de posição inicial; os personagens que assombram o filme - que assombrar será o termo mais correcto para essa deambulação quase inerte em que se movimentam - reproduzem dentro de si esses escombros: esperam que algo lhes aconteça, que uma oportunidade caia do céu em seu socorro. Dir-se-ia que tudo no seu comportamento equivale ao das *superstars* de Warhol; há em **Heat** a sensação que basta estar em Los Angeles, basta conviver com os elementos da sua mitologia visual (piscinas, palmeiras, sol) para que comecem desde logo a pertencer ao mundo do cinema - tal como antes bastaria entrar na Factory para se poder ser *superstar*. As relações que entre si estabelecem são ainda sintomáticas dessa vontade de identificação com algo que já existe: amam-se com indiferença, mudam de atitude sexual sem motivo de maior, têm relações sexuais como uma forma de se aproximarem, quase partilharem, dessa aura estelar que pretendem adquirir - também na Factory a pose era mais uma essência do que uma consequência, a partir dela se alcançavam os motivos que a fundamentavam; donde a enorme promiscuidade que por lá se vivia numa constante rotação, como se tocar fosse já ser. Em resumo: **Heat** é um filme que já está para além da nostalgia - nunca se entra no regime da denúncia, sempre se fica no da constatação -, em que os seus personagens sobretudo não querem reconhecer aquilo que certamente sabem: que o mundo que procuram e tentam alcançar, já morreu.

**Heat** encerra no entanto um paradoxo se confrontarmos o seu elenco, judiciosamente escolhido, com a sua visão moribunda sobre o que vê como catástrofe. Em primeiro lugar pela escolha de Sylvia Miles num perfeito *meo*, ela que foi formada no Actor's Studio, que sempre seguiu uma carreira à margem de Hollywood, acabando no entanto (ou se calhar, *et pour cause*) por ser nomeada para o Oscar da melhor interpretação secundária com o seu desempenho, também num *cameo*, em **Midnight Cowboy** de 1969 (um filme onde aliás foi atribuído um pequeno papel a Viva), a sua presença em **Heat** será como se quisesse promover uma deliberada indistinção entre si mesma, a sua personagem e a imagem que resulta dessa identidade. Chegar ao centro do cinema quando tudo ali morreu e falar disso no interior de uma produção marginal, torna-se uma proposta que une dentro de **Heat** o seu espaço *in* com o *off*. Por seu lado, e este é o segundo momento do paradoxo acima referido, temos um Joe Dallesandro a querer afirmar que afinal nunca foi uma *superstar*, ou melhor deixou de o ser a partir do momento em que enveredou por uma carreira de actor, coisa em que foi singular entre os habitantes da Factory. Para todos os outros tudo se passou como se a sua aura não excedesse os muros prateados do estúdio de Warhol, apesar de entre eles terem feito uma carreira que os tornou deveras famosos. Ascender ao estatuto de *superstar* para iniciar uma carreira de actor e só consegui-lo mediante o abandono desse estatuto, eis o dilema que só Dallesandro soube resolver entre os seus pares.

Se mais fosse preciso apontar para consolidar esta ideia que Morrissey pretende com **Heat** afastar-se do seu passado, ou pelo menos perspectivá-lo com um efeito de distanciação, bastaria reparar no bom comportamento da sua realização, afastados de vez que ficaram as procuras de outros modelos narrativos crivados de elementos como o *strobe cut*, tão prolixo em **Lonesome Cowboys** e ainda bem sensível em **Flesh**.

José Navarro de Andrade